



X Encontro da Internacional dos Fóruns  
VI Encontro internacional da Escola  
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

## O que está em jogo

Preliminar 6 – VI Encontro Internacional da Escola – Barcelona, 13 de setembro de 2018

Sandra Berta<sup>1</sup>

Se supusermos o moebiano àquilo que do psicanalista opera na clínica, teremos que verificar o corte da banda. Se supusermos o nodal, o corte pode mostrar a não relação entre Simbólico, Imaginário e Real.

Lacan, em 1974, lamentava essa suposição e, acompanhado por Issac Newton, nos dizia: *l'hypotheses non fingere*,<sup>2</sup> o repúdio à hipótese sendo o que convém para sermos incautos do real. Consequência extraída da experiência, a qual indica que o imaginário é imbecil, o simbólico, débil, e ambos devem ser enodados a um real (impossível) se se pretende fazer alguma modificação no campo do gozo.

Pelo equívoco, é possível que constatemos que a alegria também é horror. Em outras palavras, que a alegria que se produz em nosso trabalho é do horror ao saber que ultrapassamos quando somos afetados pelo real da clínica. Um analista, em sua *operância*, se orienta na “aspiração” pelo real.

No texto preliminar que escreveu para o Encontro Internacional, Frédéric Pellion<sup>3</sup> nos advertia sobre esse paradoxo que se imprime na alegria.

Lacan dizia isso em 1977, apostando no equívoco ao se referir ao inconsciente estruturado como linguagem (de Freud) e adicionando sua

---

<sup>1</sup> AME DA EPFCL, FCL-So Paulo, Brasil. Membro do Colegiado Internacional da Garantia (2016-2018).

<sup>2</sup> LACAN, J. (1974). *O seminário, livro 22: RSI*, indito (Lio de 17 de dezembro de 1974).

<sup>3</sup> PELLION, F. Nota sobre a alegria. In: *Pre-textos*. X Encontro Internacional dos Fruns VI Encontro Internacional da Escola [IF-EPFCL], Barcelona, 13-16 de setembro de 2018 (Disponvel em: <<http://xcita-if-epfcl.barcelona/pretextos-pr.html>>).

proposta (a de Lacan) do inconsciente real e do saber no real. Cito-o em “Encerramento das Jornadas da Escola Freudiana de Paris”<sup>4</sup>:

*“É um ser *affreud* que imaginou isso. A partir de que ele imaginou este inconsciente, ao qual atribuiu certo número de formações? Não é cômodo imaginar. Mas, apesar de tudo, o ortog deve desempenhar ali um certo papel.*

*O que Freud disse, o *affreud*, é que ali não há *su-je*. Nada suporta o *su-je*.<sup>5</sup> Em outras palavras, o *jeu*<sup>6</sup> do *je* substitui o que tento enunciar hoje – o *baffouille-à-je*<sup>7</sup>”.*

É por esse balbucio que o *affreud* se tamisa na alegria [*Freude*] e no horroroso [*affreux*] desse negócio [*affaire*] que é o inconsciente real “ou a elucubração com a qual tentei fornecer apoio a Freud, o horroroso [*affreux*] Freud, não tem qualquer tipo de sentido”.<sup>8</sup> Acrescento: esse negócio [*affaire*] entre a alegria e o horror que nos diz respeito, com o qual temos que lidar [*à faire*] naquilo que se agita [*s’affaire*].

Em 1977, quando Lacan já havia dado o salto do modal para o nodal, ele dizia que o sentido, no real da clínica, não depende apenas da *linguisteria* que é a nossa, mas também do vetor para o real. Nesta “aspiração” pelo real, podemos nos persuadir de que o *efeito de sentido* é produzido pela evacuação do sentido. O que a clínica psicanalítica vetoriza é: não há relação/proporção sexual.

Com relação ao real, em 1969, o que está em jogo é o objeto *a* e, em 1977, o “gaguejo-balbucio-titubeio”. Isso não tira o valor do objeto: causa de desejo, mais-de-gozar, *abjeto*, *ossobjeto* que continua operando na restrição [*coincage*] dos campos de gozo.

---

<sup>4</sup> Lacan, J. Encerramento das Jornadas da Escola Freudiana de Paris, 25 de setembro de 1977. Indito.

<sup>5</sup> *Su-je*: homfona a *sujet* [sujeito], sabido [*su*]-eu [*je*] literalmente.

<sup>6</sup> *Jeu*: jogo. Optamos por deixá-lo em francês, a fim de conservar a homofonia com *je*.

<sup>7</sup> *Baffouille-je*: jogo de palavras homofônico a *bafouillage*, ou seja, gaguejo, balbucio, titubeio.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 11.

O laço (a ser considerado no discurso do analista e da histérica) pode produzir essa alegria paradoxal (alegria e horror) modal e nodal. Esse *affaire* é uma responsabilidade para aqueles que apostam em fazer ex-sistir uma escola orientada pela causa real.

É possível que a alegria paradoxal seja enodada com o entusiasmo – não é para todos, mas para alguns, quando sabem fazer ali com o destino que nos reserva o inconsciente “ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado de todos – horror de saber”.<sup>9</sup> A alegria também pode se enodar com a satisfação do fim: a “outra satisfação” com a qual o ser falante, por estar afetado por *lalíngua*, se faz do enigma do Outro em sua alteridade.

Como nos diz Colette Soler, “há uma contingência que se introduz entre a estrutura e seus efeitos”.<sup>10</sup> A estrutura sendo o borromeano incide nas articulações do gozo no corpo e no saber insabido do sujeito. A “contingência ética”<sup>11</sup> pode, em boa hora [*bonheur*], fazer da alegria uma questão permanente, que não descarta a felicidade, mas a questiona: “*Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?*”.<sup>12</sup>

Laços de trabalho que contam com a não relação/proporção deveriam levar em conta essa contingência ética: o que está em jogo.

---

<sup>9</sup> LACAN, J. (1964). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 313.

<sup>10</sup> Soler, C. Los afectos lacanianos. Buenos Aires: Letra Viva, 2009, p. 16.

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> LACAN, J. (1967). Alocuo sobre as psicoses da criana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 367.